



A EDUCAÇÃO INDÍGENA EM ESCOLAS URBANAS: UM ESTUDO DE CASO

Autor (1); Vera Lucia Amador Alves; Orientadora: Dr^a Maria Beatriz Rocha Ferreira

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados – vera-amador@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Uma escola que recebe crianças indígenas deve estar sempre pronta para o novo, para algo que faça a criança sentir-se bem e acima de tudo integrante da comunidade escolar, e neste sentido que Sarmento (1997;116) afirma que a criança tem uma cultura própria dela, que embora inseridas numa sociedade globalizada com apelos a homogeneização, produzem culturas próprias

Há necessidade de que a escola trabalhe com a interculturalidade como um instrumento de lutas, mostrando que a cultura de um povo enriquece a cultura do outro, é importante possibilitar a construção de um pensar com criticidade e neste sentido Walsh assevera que a interculturalidade:

Seria como uma ferramenta pedagógica que questiona continuamente a racialização, subalternização, inferiorização e seus padrões de poder, viabiliza maneiras diferentes de ser, viver e saber e busca o desenvolvimento e criação de compreensões e condições que não só articulam e fazem dialogar as diferenças num marco de legitimidade, dignidade, igualdade, equidade e respeito, mas que – ao mesmo tempo – aceitam a criação de modos ‘outros’ – de pensar, ser, estar, aprender, ensinar, sonhar e viver que cruzam fronteiras (WALSH, 2009, p. 25 – tradução do autor)

É neste sentido que a citação de Walsh vem ao encontro do respeito e da aceitação da cultura do outro, é reconhecer a identidade da criança indígena com legitimidade.

Para a consecução da pesquisa foram trabalhados os seguintes objetivos: Entender o processo educacional ancestral e escolarizado na visão dos pais das crianças indígenas, na educação infantil em escola urbana na cidade de Itaporã, bem como, verificar se as propostas pedagógicas atentam para as questões das relações do reconhecimento e compreensão do outro [quer indígena e não indígena], com ênfase nas diferenças do pensar, do estilo de vida, do sonhar e observar as formas de organização dos grupos indígenas e não indígenas no recreio, nas atividades intra e extra classe.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Realizar uma reflexão acerca das crianças indígenas que saem das RID para estudarem em escolas urbanas é necessário para que a cultura dessas crianças seja aceita e respeitada.

Por isso é importante tentar neste estudo responder a pergunta: Será que a escola urbana infantil atende os princípios da educação indígena?

A educação infantil é uma etapa muito importante na vida das crianças, logo trazer alguns conceitos sobre a criança e a infância é relevante para o estudo, pois como afirma Franco (2006) tanto a concepção de criança quanto a de infância, assim como a construção de qualquer conceito subjetivo, são elaboradas a partir da visão de mundo de uma sociedade sendo um produto histórico e cultural. Neste sentido não se tem como formular um único conceito sobre criança e infância. Alguns autores apontam características do que é ser criança de acordo com o tempo e o lugar que estão inseridas.

Toda criança tem sua fragilidade e requer atenção e cuidados, como alimentação e cuidados físicos. Stearns (2006) afirma que o tratamento dessas características tidas como universais nem sempre foram respeitadas e durante os séculos XV e XVI, as crianças não eram vistas como seres inseridos na sociedade e algumas morriam, pois não tinham a devida atenção para com a saúde. Apenas nos séculos XVII e XVIII as crianças começam a ser vistas de outra maneira.

Para Zilbermam, a mudança se deu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros. (ZILBERMAN, 2003).

De acordo com Xavier e Sarat (2012) a história da criança e a infância brasileira podem ser constituídas a partir de elementos como a família, a escola e a sociedade. Na família, as crianças aprendem as relações de interdependência e as regras de convívio do grupo a que pertence. A escolarização representa o esforço e a legitimação das normas e regras do grupo social e funciona como continuidade do processo de inserção nas relações de convivência na produção e reprodução dos comportamentos aprendidos e novos.

Ainda de acordo com Xavier e Sarat (2012) as crianças desde muito pequenas tinha participação constante na vida dos adultos, desde a atividades de trabalho, bem como, alimentação, rituais, celebrações, morte, estes faziam



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

parte da vida domésticas das crianças. No entanto o contexto muda com o processo de escolarização, pois apresenta uma nova proposta de individualização e distanciamento entre a infância e a vida adulta. A escola propõe assim um novo ritmo e tempo para as famílias e para a sociedade.

Estas abordagens se tornam necessárias para que se possa entender que a educação infantil, tanto das crianças indígenas quanto das não indígenas inicia na família, mas que na escola haverá muitas mudanças no que diz respeito a vida e o modo de agir dessas crianças dentro da sociedade que hoje está posta.

EDUCAÇÃO INDÍGENA

A educação indígena segundo Meliá (1979) afirmou um modelo próprio de educação, e que tem na sua base a socialização, ou seja, a educação de cada indígena é interesse da comunidade toda e é o processo pelo qual a cultura atua sobre os membros para que possam preservar essa cultura. A educação indígena serve para que durante toda a vida seja ensinado aos indivíduos, elementos culturais. Meliá explica também que pode-se considerar três etapas no processo educativo indígena brasileiro: a primeira seria a socialização, que assimila o indivíduo dentro das normas da vida tribal. A segunda etapa seria a ritualização, enquanto integra o indivíduo numa ordem simbólica e religiosa mais específica. Uma terceira etapa vem a ser a historização, quando a pessoa assume inovações que vão permitir a sua auto realização e às vezes o exercício de funções específicas únicas e singulares dentro do próprio grupo.

Segundo o autor Bergamaschi (2010) nas sociedades indígenas há três aspectos principais que conformam uma unidade educativa, sendo a economia da reciprocidade; a casa como espaço educativo; a religião, através de rituais e mitos:

“Conquanto afirmem e vivenciem até o presente seus modos próprios de educação, nesses séculos de conquista os povos ameríndios foram invadidos também pela escola, instituição constituída e constituidora de outra concepção de mundo. Gestada na modernidade ocidental, inspirada na ciência moderna que ordena e fragmenta o conhecimento, a escola imposta aos indígenas foi portadora de um projeto educativo para a formação de cristãos e súditos da Coroa portuguesa e, posteriormente, de cidadãos portadores de uma identidade nacional” (BERGAMASCHI, 2010, p.2).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Por isso é importante tentar neste estudo responder a pergunta: Será que a escola urbana infantil atende os princípios da educação indígena? É relevante chamar a atenção também que serão estudadas as etnias Terena, Guarani e Kaiowá pois são estas que estão inseridas na RID e que vão estudar nas escolas públicas municipais de Itaporã, Mato Grosso do Sul.

ETNIAS GUARANI, KAIOWÁ E TERENA

No contexto da educação infantil indígena serão estudadas nesta pesquisa, as etnias Guarani, Kaiowá e Terena, uma vez que são as que tem crianças de três a seis anos estudando na escola urbana de Itaporã.

Brand e Nascimento (2006) afirmam que no Brasil, o povo Guarani está representado por três subgrupos: Nãndeva, Mbya e Kaiowá. No Estado de Mato Grosso do Sul, encontram-se os Kaiowá, com aproximadamente 32 mil pessoas e Nãndeva com cerca de 12 mil pessoas.

Para os Guarani e Kaiowá, a aldeia é o espaço para a continuidade do seu modo de ser. Tradicionalmente, cada aldeia era composta por um complexo de casas, roças e matas, que manteve até muito recentemente características semelhantes, especialmente no que se refere à distribuição e organização sócio-econômica-política-religiosa. (BRAND: NASCIMENTO, 2006, p.4).

As etnias Guarani, Kaiowá de acordo com Nascimento, Urquiza, Vieira e Naglis (2011, p.285-286) localizados no sul de Mato Grosso do Sul, tem seu território conhecido como *ñande retã* (nosso território), compreendia uma região de mata ao longo dos córregos e rios em pequenos núcleos populacionais e tendo à frente os chefes de famílias mais velhos, os *tekoaruvicha* (chefes de aldeia) ou *ñanderu* (nosso pai).

A etnia Terena é um grupo descendente dos antigos Guaná-Chané (ou Guaná ou Chané) originários da bacia do Rio Paraguai, regiões do Chaco e do Pantanal. Sua língua tem filiação junto à família linguística aruák, como também é o caso dos antigos Echoaladi (ou Chavarana), Laiana e Kinikinau. Ainda hoje os índios mais idosos reconhecem tais termos e se distinguem – quando inquiridos – em descendentes de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Laiana ou Kinikinau (EREMITES DE OLIVEIRA: PEREIRA, 2003).

A etnia Terena segundo Pereira (2009) é um povo que se considera afeito a sociabilidade com outros povos, caracterizando assim, uma grande abertura para a exterioridade, desde o período anterior à penetração das frentes de ocupação colonial no território por eles ocupado, até a aproximação que tiveram com os primeiros empreendimentos militares. Estes conceitos são de suma relevância para a pesquisa, haja vista que o tema do trabalho reporta-se a crianças indígenas que estudam em escolas urbanas, ou seja, fora de suas Reservas Indígenas e que vão passar por muitos desafios ao conviver com crianças que não são indígenas.

METODOLOGIA

O método da pesquisa será fundamentado no estudo de caso a ser realizado nas escolas públicas do município de Itaporã.

O estudo de caso consiste em uma investigação detalhada de uma ou mais organizações. Para Gil (1999, p. 72) “O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados.” Para realizar a pesquisa de maneira profunda torna-se necessária o estudo do referencial teórico sobre o tema trabalhado e pesquisa documental da proposta pedagógica da escola.

O trabalho de campo será desenvolvido através de observação, diário de campo, conversas informais e entrevistas, a serem aplicadas aos pais das crianças indígenas, professores, diretores, coordenadores pedagógicos, técnicos da secretaria de educação municipal, secretária municipal de educação e funcionários que cuidam o pátio e o portão das escolas.

Após a coleta de dados será realizada a análise dos dados coletados à luz da teoria dos estudos culturais. Em termos teóricos a pesquisa será fundamentada nos Estudos Culturais principalmente fundamentados nos autores Bhabha (2010), Hall (2000), (2003), Canclini (2011); as relações de poder serão fundamentadas na teoria de Norbert Elias; a criança e infância com Magda Sarat, Regina Zilberman, Marcia Elizabete Wilke Franco, Petre N. Stearns e nos

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

pesquisadores que desenvolvem pesquisas em educação indígena Levi Marques Pereira, Adir Casaro do Nascimento, Maria Aparecida Bergamaschi, Antonella Tassinari, Bartolomeu Meliá, entre outros.

As crianças indígenas serão as que são advindas da RID (Reserva Indígena de Dourados) e que vem estudar nas escolas públicas municipais de Itaporã.

A escola pesquisada é Vereador Salvador Ferreira de Aguiar de Itaporã que oferece o Ensino Fundamental e Educação infantil. Na escola estão matriculados 259 (duzentos e cinquenta e nove) alunos, destes 56 (cinquenta e seis) são da Educação Infantil. Do universo da Educação Infantil que será nosso público alvo da pesquisa, há 14 crianças indígenas, destas duas são da etnia Guarani, dez da etnia Terena e duas da etnia Kaiowá. A outra escola que tem apenas a educação infantil é a escola Rozânia Moura de Lima com 440 (quatrocentos e quarenta) crianças matriculadas na Educação Infantil, com idade entre três e cinco anos. Destes, dezenove são indígenas, sendo quatro da etnia Guarani, seis Terena e nove Kaiowá. Esta escola não será pesquisada, mesmo com um número maior de crianças indígenas matriculadas, por questões éticas, uma vez que a pesquisadora ocupa o cargo de diretora desta instituição, porém servirá de parâmetro de observação para elaborar as categorias e perguntas para entrevista, uma vez que esta escola foi o ponto inicial no tema do trabalho, pela experiência nela vivenciada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O referido trabalho espera obter informações fundamentais do processo educacional ancestral para ser incorporado na educação escolarizada para atender os anos iniciais do ensino fundamental, nas escolas públicas municipais de Itaporã. Possibilitar um avanço na proposta política pedagógica da escola, após observação da mesma, com atividades que possibilitem o processo do reconhecimento da educação indígena no currículo escolar.

Obter informações do acesso e permanência na escola das crianças indígenas do ensino fundamental, das relações e grupos que se formam. Obter informações sobre a visão dos pais indígenas acerca da escola, e também das famílias das crianças não indígenas sobre a



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

convivência de seus filhos com as crianças indígenas dentro da escola e da sala de aula.

É pertinente ainda observar como a secretária de educação do município vivencia o processo cultural e se as propostas pedagógicas atentam para as questões das relações do reconhecimento e compreensão do outro e posteriormente oferece informação da importância do trabalho a ser desenvolvido na escola para toda equipe que está envolvida na educação do município.

A pesquisa pretende contribuir para um avanço na educação infantil intercultural que envolve as crianças indígenas da RID, frequentando a educação infantil indígena no município de Itaporã. A pesquisa tem como pretensão uma abrangência a nível de estudos posteriores relativos ao tema, pois assim poderá contribuir com o avanço da educação infantil indígena no país. Sempre tendo em mente que algumas limitações podem ocorrer como, a possibilidade de não conseguir entrevistar os pais dos alunos, bem como, os professores omitirem a realidade que ocorre dentro e fora das salas de aulas com as crianças indígenas, que vem estudar na escola do município de Itaporã.

Desta maneira a pesquisa pretende também oferecer informação aos professores sobre a importância da interculturalidade dentro do currículo escolar e propor subsídios aos profissionais da escola para que seja contemplada na Proposta Política Pedagógica, caso não tenha, a interculturalidade na teoria e prática pedagógica.

CONCLUSÃO

O trabalho traz como resultados preliminares como as escolas estão despreparadas para receberem as crianças indígenas que saem das Reservas Indígenas para estudarem em escolas urbanas. As crianças indígenas trazem em sua bagagem uma cultura riquíssima que as escolas não estão conseguindo trabalhar de maneira diferenciada e acabam por deixar essa cultura de lado. As crianças por sua vez ficam em grupos, geralmente com seus pares, sem se misturarem com as demais.

Os professores ficam preocupados por não conseguirem trabalhar, uma vez que não sabem falar na língua materna que algumas crianças trazem para a escola, e, passam assim a trabalhar apenas com a cultura do não indígena.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Desta maneira é notório que cada escola deve estar se preparando para receber essas crianças, fazer com que se sintam seguras e acima de tudo felizes nas escolas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 2010. CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade.** 4. ed. São Paulo: UNESP, 2010.

BRASIL. Lei nº 9.394: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).** Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1, p. 1-9, dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 20 set. 2010.

_____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Cadernos SECAD 3. Educação Escolar Indígena: Diversidade Sociocultural Indígena ressignificando a escola.** Brasília, 2007.

BRAND, Antonio; NASCIMENTO, Adir Casaro. **A escola indígena e sustentabilidade: perspectivas e desafios.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL: **EDUCAÇÃO INTERCULTURAL MOVIMENTOS SOCIAIS E SUSTENTABILIDADE: PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS E PROPOSTAS METODOLÓGICAS**, 3. Anais... Florianópolis: [s.n.], 2006.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade.** 4. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Povos Indígenas e Ensino de História: a lei nº 11.645/2008 como caminho para a interculturalidade.** In: BARROSO, Vera Lucia Maciel et al (orgs). **Ensino de História: Desafiados Contemporâneos.** Porto Alegre: 2010.

ELIAS, Norbert. **O processo Civilizado, volume 1: uma história dos costumes; tradução: Ruy Jungmann; revisão e apresentação: Renato Janine Ribeiro.** 2.ed.-Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **O processo civilizador, volume 2: Formação do Estado e Civilização; tradução: Ruy Jungmann; revisão e apresentação: Renato Janine Ribeiro.** 2.ed.-Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. e John L. Scotson. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade; tradução, Vera Ribeiro; tradução do**



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

posfácil à edição alemã, Pedro Süssekind; apresentação e revisão técnica, Federico Neiburg. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge; PEREIRA, Levi Marques. **Perícia antropológica e histórica da área reivindicada pelos Terena para a ampliação dos limites da Terra Indígena Buriti, municípios de Sidrolândia e Dois Irmãos do Buriti, Mato Grosso do Sul, Brasil.** Autos nº 2001.60.00.003866-3, 3ª vara da 1ª subseção judiciária de Mato Grosso do Sul, 2003.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000. HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

MAGALHÃES, Luzia Eliana Reis; ORQUIZA, Liliam Maria. **Metodologia do Trabalho Científico: Elaboraões de Trabalhos.** 1. ed. Curitiba: Fesp, 2002.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de Caso: Uma Estratégia de Pesquisa.** 1. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MELIÀ, Bartomeu. **Educação indígena e alfabetização.** São Paulo: Loyola, 1979.

NASCIMENTO, Adir Casaro do; Urquiza, Antonio Hilário Aguilera e Vieira, Carlos Magno Naglis (orgs.) **A cosmovisão e as representações das crianças Kaiowá e Guarani: o antes e o depois da escolarização. Criança indígena: Diversidade cultural, educação e representações sociais.** Brasília: Liber Livro, 2011.

PEREIRA, Levi Marques. **Os Terena de Buriti: formas organizacionais, territorialização da identidade étnica.** Dourados, MS: editora da UFGD, 2009.

SARAT, Magda; SANTOS, Reinaldo (Orgs). **Sobre Processos Civilizadores; diálogos com Norbert Elias.** Dourados: UFGD, 2012.

SARMENTO, Manuel; PINTO, Manuel. **As crianças: contextos e identidades. Braga: Centro de Estudos da Criança/Universidade do Minho, 1997.**

WALSH, Catherine. **Interculturalidade, crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, reexistir e re-viver.** In: CANDAU, Vera Maria (Org.) **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. (p.14)

TASSINARI, Antonella. **Concepções indígenas de infância no Brasil.** Campo Grande – MS: Tellus, ano7, n. 13, p. 11-25, out. 2007.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br